

O PENSAMENTO DE BENJAMIN COMO MÉTODO PARA UM JORNALISMO MAIS INTEGRADO À CIDADANIA

[THE BENJAMIN'S THOUGHT AS AN APPROACH FOR AN INTEGRATED JOURNALISM TO CITIZENSHIP]

Carlos Hugo Studart Corrêa
Universidade Católica de Brasília

Resumo: Este ensaio busca analisar os fundamentos da dialética do filósofo Walter Benjamin como referencial metodológico para uma práxis que favoreça elevar ao protagonismo das narrativas jornalísticas toda sorte de excluídos, esquecidos, minorias, anti-heróis, grupos marginalizados e movimentos sociais. Em sua dialética, Benjamin apresenta uma proposta narrativa por ele batizada de História Integral, que defende a missão de resgatar a justiça por meio da rememoração dos pequenos, perdedores e anônimos, que acabaram esquecidos pelas Filosofias da História hegeliana, marxista e positivista. Para Benjamin, a tessitura da trama histórica deve se dar por meio das narrativas, buscando observar os fragmentos e os detalhes, por mais insignificantes que possam parecer, como se fosse uma crônica. Assim, a proposta de Benjamin de trazer ao protagonismo dos acontecimentos as vozes dos pequenos, esquecidos e anônimos pode se apresentar como um novo referencial metodológico para a produção de um jornalismo mais integrado à cidadania, ajudando a produzir, difundir e reproduzir suas memórias, representações, identidades, boas práticas e suas lutas pelo reconhecimento dos Direitos Fundamentais do ser humano e do cidadão.

Palavras-chave: Memória, Benjamin, história integral.

Abstract: This essay aims to analyse the basis of the philosopher Walter Benjamin' dialectic as methodological referential to a praxis that favors raising to the main role in the journalistic narratives of all manner of outcasts, forgotten people, minorities, anti-heroes, marginalized groups and social movements. In his dialectic Benjamin presents a narrative proposal that he calls Integral History. On the basis of that proposal the thinker argues the mission to rescue the justice through the recollection of humble people, losers and anonymous, who were forgotten by the Philosophies of Hegelian, positivist and Marxist History. According Benjamin, the historical plot should be built through the narratives, considering the fragments and the details, no matter how insignificant they may seem, as if it were a chronicle. Thus, the Benjamin's proposal to raise the role and the voices of humble, forgotten and anonymous people can be a new methodological reference for the production of a more integrated journalism to citizenship, that helps to produce, spread and reproduce their memories, representations, identities, good practices and their struggles for the recognition of the fundamental individual and collective human rights.

Keywords: Memory, Benjamin, Integral History.

INTRODUÇÃO

Walter Benjamin era crítico literário, filósofo, romanista, grafólogo, teórico das artes, da tradução e, por fim, da história. Nascido alemão de origem judaica, estudou com místicos cabalistas. Até se converter ao marxismo. Pregava a sociedade sem classes, mas recusava-se a se organizar em partidos. E embora tenha sido materialista histórico, sua obra nem sempre se encaixa nos cânones do marxismo dialético. Deixou de legado uma obra “fragmentada, inacabada, às vezes hermética, frequentemente anacrônica e, no entanto, sempre atual”, nas palavras de Löwy (2005, p.13), que ocupa um lugar “singular, realmente único, no panorama intelectual e político do Século XX”.

Na América Latina, Benjamin tem sido considerado cada vez mais o “Filósofo das Vanguardas” por conta de sua tendência à ruptura e ao novo, sua rejeição ao dogmatismo e ao cientificismo das academias de seu tempo, por sua ousadia de “tentar inventar novas imagens para pensarmos nossos limites e fronteiras” (SELIGMANN-SILVA, 2009, p.22). Como também pelo seu método transdisciplinar de pensar as Ciências Humanas, tendência da pós-modernidade, mas que Benjamin já a pregava e praticava nos anos 1930. Por conta dessa heterodoxia, até a presente data, a maior parte das academias europeias de Filosofia não incluiu sua obra entre os cânones do pensamento moderno.

Certa feita, Walter Benjamin enviou um ensaio sobre Baudelaire a Theodor Adorno para que o publicasse na *Revista de Pesquisa Social*, do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt. Era o ano de 1938. Adorno recusou o texto e mandou Benjamin reformulá-lo por inteiro. Ocorreu então uma antológica troca de correspondências entre eles, até então grandes amigos, patrícios no judaísmo e camaradas no marxismo¹.

A crítica de Adorno foi dura, ácida, corrosiva. Acusou o texto de “teológico” e de conter uma “representação deslumbrada da facticidade”. Apontou principalmente “a falta de um diálogo maior da narrativa livre de Benjamin sobre os choques dos

¹ Ademais, na ocasião, Benjamin pertencia (pelo menos formalmente) à Escola de Frankfurt, liderada por Adorno.

transeuntes nas ruas obstruídas de Paris e o ritmo marcado dos versos baudelairianos” sem que houvesse “uma mediação mais global por trás dessas associações esclarecedoras, mas não sempre desprovidas de certa arbitrariedade” (GAGNEBIN, 1993, p.8-10).

Estava cobrando, primeiro, menos poesia e mais teoria. E teoria, para Adorno, é um diálogo com a dialética marxista, a mediação por meio de um processo global, uma explicação totalizante dos fatos, enfim, uma Filosofia da História. Mais que isso, Adorno cobrava racionalidades, mais pensamento racional.

A renúncia à teoria afeta a empiria. De um lado, essa renúncia confere à empiria um traço falsamente épico, de outro, tira dos fenômenos seu verdadeiro peso histórico-filosófico, transformando-os em fenômenos experienciados de maneira unicamente subjetiva. (...) Para falar de uma maneira drástica, poder-se-ia dizer que o trabalho se alojou no cruzamento da magia com o positivismo. É um lugar enfeitiçado: só a teoria conseguiria romper o feitiço² (grifo meu).

80

Benjamin rebateu a carta de forma igualmente dura. Defendeu a “representação deslumbrada da facticidade” como “a atitude autenticamente filológica” (GAGNEBIN, 1993). Benjamin não respondeu à principal objeção de Adorno, a ausência de dialética e de uma mediação totalizante. Adorno venceu aquela discussão. Quanto a Benjamin, não teve a sorte louca de usufruir, ainda em vida, do reconhecimento acadêmico da maior parte de seus pares. Faleceu logo depois, em 1940³.

Assim como os *Annales*, Benjamin foi crítico ácido do historicismo positivista do século XIX, e do modelo de escrita da História que privilegiava os documentos criados pelo aparato do Estado. Essencialmente, ele negou as possibilidades de uma História segundo a concepção historicista-positivista, representada pela célebre frase de Ranke

² Carta de 10 de Novembro de 1938. Trad. Jeanne-Marie Gagnebim, 1993.

³ A versão mais difundida sobre sua morte é a de que teria cometido suicídio. Benjamin estava no grupo de judeus que tentava fugir da França ocupada pelos nazistas para a Espanha. Quando chegaram aos Pireneus, o grupo foi impedido de prosseguir pela polícia do ditador Francisco Franco. Temendo ser entregue à Gestapo, Benjamin teria cometido suicídio na madrugada de 26 para 27 de setembro de 1940, aos 42 anos. O incidente teria chamado a atenção das autoridades locais, que terminaram por permitir a passagem do grupo, que conseguiu, ao final, chegar a Portugal.

– a tarefa do historiador seria, simplesmente, apresentar o passado “tal como ele propriamente foi”. Foi também um crítico contundente e bem fundamentado da interpretação da história como progresso, a essência do “marxismo evolucionista vulgar” (LOWY, 2005, p.23), segundo suas palavras, e ainda da ideia da neutralidade científica. Escreveu Benjamin em *Passagens*, no capítulo em que trata da “Teoria do Conhecimento, Teoria do Progresso”:

As fórmulas da concepção materialista da história – aplicadas por Marx e Engels... apenas... à análise da sociedade burguesa e transpostas para outras épocas históricas apenas com a devida modificação – foram desvinculadas pelos epígonos de Marx desta aplicação específica, e aliás, de qualquer aplicação histórica, e o assim chamado ‘materialismo histórico’ foi transformado em uma teoria sociológica geral (BENJAMIN, 2009, p.527).

Segundo Benjamin, o historiador pretensamente neutro, que tem por objetivo os fatos “reais”, em verdade estaria apenas confirmando a visão dos vencedores -- onde se lê “historiador”, leia-se “jornalista pretensamente neutro”, provoco. Sua proposta é a de tecer uma narrativa histórica inspirada na crônica cotidiana, que busca valorizar os pequenos e os vencidos.

A outra contribuição de Benjamin é o da tecitura da trama, na qual propõe entrelaçar todas as fontes históricas disponíveis – tanto documentos oficiais quanto cartas, poesias, canções e narrativas orais que, algumas vezes, tangenciam a ficção. Assim, e ainda que muitas daquelas ideias estivessem sendo efetivadas paralelamente pela *École des Annales* de Lucien Febvre e Marc Bloch⁴, Benjamin estava além de seu tempo.

Para contemporâneos como Adorno, sobretudo seus colegas estruturalistas da Escola de Frankfurt, aquelas ideias soavam como magia, como pensamento não racional, feitiço a ser exorcizado, “factualidade” deslumbrada da realidade. Em carta a Hannah Arendt, após a morte de Benjamin, Adorno tenta homenagear o patrício e camarada – mas sempre com ressalvas:

⁴ Também na oposição ao cientificismo positivista, os *Annales* ampliaram as fontes históricas para a reconstrução do passado, passando a aceitar, além de documentos escritos, também narrativas orais, poesias, canções, fotografias, iconografias, cinema, etc.

A meu ver, o que define o significado de Benjamin para minha própria existência intelectual é evidente: a essência de seu pensamento enquanto pensamento filosófico. Jamais pude encarar sua obra a partir de outra perspectiva (...). Certamente estou consciente da distância entre seus escritos e toda a concepção tradicional da filosofia... (LOWY, 2005, p. 13).

Curiosamente, os principais pontos do pensamento de Benjamin ficaram adormecidos por quase três décadas. O pensador só seria redescoberto, começado a ser analisado e compreendido a partir de Maio de 1968, na França. Na sequência, em 1972, sua obra completa foi publicada em alemão⁵. Curiosamente, foi no Brasil que Benjamin encontrou maior ressonância, com a ascensão de novas escolas e abordagens históricas, especialmente entre os adeptos da Teologia da Libertação⁶.

Ironicamente, e para desgosto dos seguidores de Adorno, uma coletânea de ensaios de Benjamin publicados na Alemanha com o título original *Auswahl in drei banden* (“Seleção em três bandas”, ou “Seleção em três volumes”, em tradução livre), recebeu na edição brasileira o título de *Walter Benjamin – Obras Escolhidas Vol. I: Magia e técnica, arte e política*⁷ (grifo meu).

Homem à frente de seu tempo, Benjamin deixou alguns legados relevantes. Um deles foi resgatar a tecitura poética na narrativa histórica, como se fosse uma crônica. Em suas teses “Sobre o Conceito de História”, Tese 3, Benjamin defende a relevância do cronista do cotidiano como o narrador da História:

⁵ Também em 1968, Hannah Arendt publicou um ensaio sobre Benjamin na revista alemã *Merkur*. Em 1972, a obra completa de Benjamin foi publicada na Alemanha. A partir de então, pouco a pouco, o pensador passou a ser traduzido, publicado e reconhecido.

⁶ Registro que, no Brasil, Benjamin encontrou grande ressonância por conta da Teologia da Libertação, a partir dos estudos do sociólogo franco-brasileiro Michael Löwy, na década de 1980. Ele é amigo do teólogo Leonardo Boff. Foi a partir desse contato intelectual entre os dois, Löwy e Boff, que Benjamin passou a ser cultuado no país, inicialmente entre os adeptos da Teologia da Liberação; depois, nas academias da América Latina. Destaco também, para a difusão da obra benjaminiana no Brasil, os trabalhos da suíça Jean-Marie Gagnebin, professora de Filosofia da Unicamp e da PUC-São Paulo, que estuda o autor desde sua graduação pela Universidade de Genebra, no início da década de 1970. Destaque-se que Gagnebin é autora de seis livros sobre Benjamin (cinco deles em português), e coautora da tradução das teses de Benjamin “Sobre o Conceito de História”, em parceria com o professor de Filosofia Marcos Lutz Muller, da Unicamp, com quem é casada.

⁷ Esclareço que essa edição tem tradução de Sérgio Paulo Rouanet e prefácio de Jeanne Marie Gagnebin.

O cronista narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um dos seus momentos. Cada momento vivido transforma-se numa *citation à l'ordre du jour* – e esse dia é justamente o juízo final" (BENJAMIN, 1994, p.223), (grifo meu)

Enfim, o cronista de Benjamin é o historiador dos fragmentos, narrador de uma história que busca registrar também os detalhes, por mais insignificante que possa parecer.

O CONCEITO DE *MIMESIS*

Benjamin encontrou na obra de Marcel Proust, de quem foi tradutor e leitor obcecado, os fundamentos da compreensão do conceito de *mimesis* (memória). Benjamin observou que Proust, em sua busca pelo tempo perdido⁸, não se propôs a simplesmente revelar suas memórias, nem o acontecido tal qual teria ocorrido. Mas sua proposta foi a de *buscar* analogias e semelhanças entre o passado e o presente, lembrar os acontecimentos e subtraí-los às contingências do tempo em uma metáfora. No ensaio “A Imagem de Proust”, concluiu Benjamin (1994, p. 43 a 45):

O verdadeiro leitor de Proust é constantemente sacudido por pequenos sobressaltos. Nessas metáforas, ele encontra a manifestação do mesmo mimetismo que o havia impressionado antes, como forma da luta pela existência, travada pelo autor nas folhagens da sociedade.

[...]

Pois o acontecido vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois (...) A eternidade que Proust nos faz vislumbrar não é a do tempo infinito, e sim do tempo entrecruzado. Seu verdadeiro interesse é consagrado ao fluxo de tempo sob sua forma mais real, e por isso mesmo mais entrecruzada, que se manifesta com clareza na reminiscência (internamente) e no envelhecimento (externamente).

⁸ Refiro-me à obra-prima de Marcel Proust, *Em Busca do Tempo Perdido*, de sete volumes (1913-1927, que Benjamin traduziu para o alemão.

O pensador, então, buscou ampliar a visão sobre a *mimesis*. Ele distingue dois momentos principais da atividade mimética: não apenas reconhecer, mas produzir semelhanças. Ou seja, a memória conserva os traços gerais do acontecido, mas a imaginação modifica e amplia. Assim, lembrar não seria apenas reviver o passado, reconstitui-lo tal qual ele foi – ou acredita-se que tenha sido. Mas seria a reconstrução das experiências passadas no tempo presente. A explicação é do próprio Benjamin, em *Passagens* (2009, p. 512):

É importante o historiador materialista distinguir, com máximo rigor, a construção de um estado de coisas histórico daquilo que se costuma denominar sua “reconstrução”. A “reconstrução” através da empatia é unidimensional. A “construção” pressupõe “destruição”.

Com a palavra, Gagnebin (1993, p. 98):

A originalidade da teoria benjaminiana está em supor uma história da capacidade mimética. Em outras palavras, as semelhanças não existem em si, imutáveis e eternas, mas são descobertas e inventariadas pelo conhecimento humano de maneira diferente, de acordo com as épocas. (...) A sua tese principal é que a capacidade mimética humana não desapareceu em proveito de uma maneira de pensar abstrata e racional, mas se refugiou e se concentrou na linguagem e na escrita.

A partir dessa premissa, ele, então, propôs reconstruir a memória como meio de nos relacionarmos com o passado. Um dos pontos nevrálgicos do pensamento benjaminiano está justamente em sua visão teórica original de conceitos como narrativa e *mimesis*. A memória pode servir como relevante fonte da narrativa histórica. É preciso, contudo, tomar cuidado em não confundir memória com História. Para Benjamin, o registro da memória é mais aberto, aceita os testemunhos e as imagens (e não só a escrita burocrática), aceita inclusive a visão dos vencidos.

O golpe de mestre de Benjamin foi retomar de Aristóteles a questão da rememoração. Ou seja, a memória como processo seletivo de rememoração. É essa a categoria “mágica” com a qual conseguimos nos libertar do tempo linear e dar um

salto para o tempo. Rememorar é buscar a experiência pelas correspondências, não pela exatidão.

Vale ressaltar mais uma vez que a História em Benjamin é também política, pois busca restaurar a justiça. Assim, o rememorar de Benjamin significa também rememorar os vencidos, salvá-los do esquecimento. Em Benjamin, rememoração é sempre uma porta de acesso à experiência autêntica, que para ele vem sempre da tradição, da narrativa oral. Na Tese 6 “Sobre o conceito de História”, ele fala do momento da rememoração. Trata-se de um dos trechos mais conhecidos do pensador:

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. Cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso. O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem. Para ambos, o perigo é o mesmo: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. (BENJAMIN, 1994, p. 224).

Em outras palavras, para Benjamin, o perigo ameaça tanto a tradição quanto o faz a história que só conta o lado dos vencedores, das classes dominantes. A única forma de recuperar a tradição é contar a história dos vencidos. Assim, nem os mortos estarão seguros se o inimigo vencer – porque não serão rememorados. Esse é o inimigo que não tem cessado de vencer. Já no ensaio “O Narrador”, ele é claro quando fala da perda da experiência e da transmissão da tradição dos que vão à guerra e voltam mudos. O choque quebra a experiência.

A tradição judaica guarda um conceito de memória singular, expressado pela palavra *zakhor*. Significa despertai, rememorai – no imperativo (CANTINHO, 2011, p. 06). Não se trata da rememoração contida em Baudelaire ou em Proust. Mas um rememorar dentro de um contexto profundamente político, uma categoria ética da tradição judaica, de lutar contra o esquecimento. Tarefa tem conotação de missão, de trabalho missionário, da obrigação de resgatar as gerações passadas por meio da rememoração.

Nesse sentido, a partir do pensamento de Benjamin, entendo que a *memória* é, em síntese, a reconstrução de experiências do passado no tempo presente. O historiador – e o jornalista -- pode buscar reconstruir essas memórias diretamente nos escritos deixados pelo passado – documentos oficiais, cartas, poesias – ou trabalhando com a reconstrução das lembranças que os sobreviventes de um determinado acontecimento trazem do passado no presente.

A PROPOSTA DA HISTÓRIA INTEGRAL

Em sua obra mais profícua, *Passagens*, no capítulo N: “Teoria do Conhecimento, Teoria do Progresso” (2009, p. 499 a 530), Benjamin busca sintetizar parte de suas propostas historiográficas por meio de um modelo que ele batizou de *História Integral*:

“Uma história que não exclui detalhe algum, acontecimento algum, mesmo que seja insignificante, e para a qual nada está perdido”, de acordo com a explicação de Löwy (2005, p.54). O intérprete esclarece ainda que Benjamin utiliza a expressão “História Integral” tanto com o objetivo de reconstruir o detalhe, quanto o pequeno, o perdedor. Usa essa expressão no sentido de redenção, dentro do contexto do messianismo político e do sonho como porta de passagem para a redenção.

Para Walter Benjamin, o lutar da história é na política, no campo da revolução. Está sempre a pensar na revolução e vê o historiador como alguém que intervém para salvar os esquecidos, promover a redenção. A tarefa do historiador benjaminiano é cultural, mas também uma ação política. E, portanto, uma ação messiânica, o resgate dos esquecidos, por meio da reconstrução de memórias, por exemplo⁹.

Trata-se, em suma, da ideia da redenção, a ideia do historiador buscar despertar e reconstruir aqueles que foram esquecidos pelas “fissuras da História”, sempre dentro do materialismo histórico. Mas a História Integral é do campo da

⁹ Embora Benjamin utilize o conceito de memória como reconstrução, ele também faz uso da expressão “resgate” dentro do conceito do *tikkun*. Resgate denota salvar na íntegra, uma aparente contradição com a ideia de reconstruir o outrora a partir do agora, que é a opção conceitual deste ensaio.

linguagem, a da prosa liberta – a do cronista como narrador da História – que busca a redenção do de toda sorte de pequenos.

No ensaio “O Narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, Benjamin (1994, p. 197 a 221) apresenta o escritor russo Leskov, assim como Franz Kafka e Anna Seghers, como as figuras modernas do cronista-narrador. O outro legado benjaminiano foi o de buscar reconstruir a relevância do tradicional narrador oral como fonte de pesquisa histórica. Em um de seus trechos mais conhecidos, lembra Benjamin (1994, p. 198):

(...) O narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acerto de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia). (Grifo meu)

A experiência que passa de pessoa em pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos.

Enfim, para Benjamin, o cronista-narrador que busca restituir a justiça a toda sorte de esquecidos, anônimos, pequenos e perdedores, seria um legítimo representante daquilo que ele conceitua como História Integral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de sua obra, tão vasta e original quanto consistente, Walter Benjamin versa sobre uma profusão de assuntos. Mas não lega textos específicos sobre o jornalismo -- sequer fragmentos, como no caso de suas Teses sobre o Conceito de História. Contudo, partindo-se do pressuposto de que é possível encontrar pontos de encontro relevantes entre a pesquisa e a escrita da história com a apuração e a narrativa jornalística, podemos ousar tomar emprestado o pensamento do filósofo para dialogar com alguns pontos do jornalismo.

Conforme acima explicado, Benjamin foi crítico ácido da concepção historicista-positivista iniciada do Século XIX, que privilegiava os documentos criados pelo aparato do Estado, modelo esse representado pela célebre frase de Ranke – para quem a tarefa do historiador seria, simplesmente, apresentar o passado “tal como ele propriamente foi”. Segundo Benjamin, o historiador pretensamente neutro, que tem por objetivo os fatos “reais”, em verdade estaria apenas confirmando a visão dos vencedores. Assim, proponho que, como preliminar, onde se lê “historiador”, leia-se “jornalista pretensamente neutro”, aquele que tem por objetivo reportar os fatos “reais”, tal qual aconteceram, estaria confirmando a visão dos vencedores.

A outro contributo de Benjamin é o da tecitura da trama, na qual propõe entrelaçar todas as fontes históricas disponíveis – tanto documentos oficiais quanto cartas, poesias, canções, etc., com narrativas orais. E, tal qual Heródoto, Benjamin também propõe resgatar a tecitura poética na narrativa, como se fosse uma crônica. Assim, ele defende a relevância do cronista do cotidiano como o narrador da História, o cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos.

Ora, essa proposta benjaminiana, que no campo da história ainda soa vanguardista, para o jornalismo já se tornou, em certa medida, até mesmo banal. Há cinco décadas, desde o surgimento do chamado *new journalism* com os precursores Truman Capote e Gay Talese, a narrativa jornalística tem se entrecruzado com a literatura. Não por inteira. No caso do jornalismo factual, tal qual o historicismo positivista preconizado por Ranke, a narrativa permanece apegada a conceitos como neutralidade, objetividade, precisão dos fatos, documentos oficiais e, quando for o caso de fontes orais, que os depoimentos sejam documentados por gravação. Entretanto, no caso das grandes reportagens, há muito que essa categoria jornalística esmera-se na tecitura literária da narrativa, tangenciando o repórter do cronista do cotidiano, que narra os acontecimentos em seus detalhes mais curiosos, sem distinguir entre grandes e pequenos.

Todo o pensamento de Benjamin só pode ser compreendido dentro de suas críticas à perspectiva evolucionista e totalizante da História, que só costuma ter olhares para os heróis e vencedores, em prejuízo dos anônimos, de acordo com o pensador. Essa perspectiva tanto vale para sua proposta de narrativa, como também para a discussão sobre *mimesis* (memória). Assim, o conceito de memória presente no pensamento de Benjamin guarda uma relação igualmente intrínseca com sua rejeição às dialéticas evolucionistas. E a razão disso está na marcação do tempo.

Ora, o tempo evolucionista é contínuo, linear, como já dito, no qual as análises históricas se direcionam do ontem para o hoje, em constante “evolução” da barbárie oriental do outrora para a Civilização Ocidental do agora. Ele faz essa crítica tanto à dialética hegeliana e ao positivismo, como à dialética marxista, que mira uma inexorável “evolução” rumo à sociedade sem classes.

Mutatis mutandis, o jornalismo também faz uso, hegemonicamente, dessa marcação do tempo linear. Tanto a estrutura piramidal das notícias, como as pirâmides invertidas, têm uma marcação de tempo linear. Ou ainda no caso da nova tendência internacional do jornalismo, os infográficos e as linhas-do tempo. O mesmo se pode dizer para o jornalismo interpretativo, analítico, que costuma partir da rememoração de acontecimentos passados, criando uma linha temporal do outrora rumo ao agora, para então projetar o futuro – tal qual as Filosofias da História.

Benjamin veio a propor uma nova categoria no campo da História, a temporalidade messiânica. Para ele, acessar as memórias não é reconstituir os acontecimentos passados tal qual teriam ocorrido. Mas sim o ato de buscar analogias e semelhanças entre o passado e o presente, lembrar os acontecimentos e subtraí-los às contingências do tempo em uma metáfora. Lembrar não seria apenas reviver o passado, reconstitui-lo tal qual ele foi, como prega o jornalismo factual e pretensamente neutro. Mas rememorar seria a reconstrução das experiências passadas no tempo presente.

Para Benjamin, a memória pode servir como relevante fonte da narrativa histórica. É preciso, contudo, tomar cuidado em não confundir memória com história –

ou com bom jornalismo, acrescento. Rememorar é buscar a experiência pelas correspondências, não pela exatidão. Para ele, o registro da memória é mais aberto, aceita os testemunhos e as imagens (e não só a escrita burocrática). Aceita inclusive a visão dos vencidos.

Partindo dessas premissas que Benjamin chegou a uma dialética singular. Ele propôs utilizar outra instância do tempo, a pensar na história a partir do *tempo-do-agora*. E no *agora*, procurar o *tempo-do-outrora*. Como já dito, o *outrora* é um momento do passado, mas não é passado. Outrora e agora são conectados por um salto no tempo, por um relampejo, batizado por ele de “instante messiânico”. Relampejo leva à imagem dialética que faz desintegrar ideia da continuidade, da linearidade e da causalidade. Nesse ponto, os conceitos benjaminianos de salto no tempo e de não-linearidade narrativa podem dialogar com uma série de conceitos do jornalismo digital, a começar pelos hiperlinks dessa nova narrativa.

Para Benjamin, o lutar da história é na política, no campo da revolução. Ele vê o historiador como alguém que intervém para salvar os esquecidos, promover a redenção. A tarefa do historiador benjaminiano é cultural, mas também uma ação política. E, portanto, uma ação messiânica, o resgate dos esquecidos, por meio da reconstrução de memórias. Trata-se, em suma, da ideia do historiador buscar despertar e reconstruir aqueles que foram esquecidos pelas “fissuras da História”.

Desta forma, o historiador benjaminiano – e o jornalista também, propõe este ensaio -- pode buscar reconstruir essas memórias diretamente nos escritos deixados pelo passado: documentos oficiais, cartas, literatura, poesias. Ou trabalhando com a reconstrução das lembranças que os sobreviventes de um determinado acontecimento trazem do passado no presente.

Benjamin busca sintetizar essa profusão de conceitos por meio de um modelo que ele batizou de História Integral. Uma história que tenta reconstruir tanto o detalhe, quanto o pequeno, o perdedor. A História Integral também se dá no campo da linguagem, da prosa liberta, como a do cronista narrador, que busca a redenção do de toda sorte de pequenos.

Em conclusão, o pensamento de Walter Benjamin guarda todos os ingredientes para servir como relevante fonte de inspiração para os jornalistas que buscam compreender, ou pelo menos estar atento, a esse mundo do agora, fragmentado, policêntrico, multiétnico, transgenérico, dodecafônico, um caldeirão em forte ebulição pela diversidade de culturas convivendo em um mesmo tempo e espaço. E com tantas contradições, que se tornou quase impossível tentar explicar os acontecimentos com as tradicionais teorias totalizantes ou com as narrativas jornalísticas tradicionais, notadamente a factual e pretensamente neutra.

A proposta de Walter Benjamin para a tecitura da História Integral pode servir como referencial teórico e metodológico para o jornalismo que se propõe a cobrir os acontecimentos vivenciados por vozes que lutam por ações afirmativas e contra o preconceito racial contra negros, índios, judeus e outras minorias étnicas; ou pelas minorias de gênero em todas suas facetas (mulheres, homossexuais). Igualmente, para a cobertura jornalística dos chamados Novos Movimentos Sociais, grupos com viés ideológico que se organizam em movimentos contrahegemônicos em luta contra práticas do capitalismo.

A proposta benjaminiana para a história pode inspirar o jornalismo, sobretudo, a elevar ao protagonismo da trama uma legião de pequenos, anônimos, indesejados e esquecidos, tais como deficientes físicos, portadores de doenças mentais, crianças carentes, idosos abandonados ou, ainda, dependentes químicos que cada vez mais instauram guetos de excluídos nas cidades brasileiras. Eis, em suma, Walter Benjamin para jornalistas.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. A condição humana. Trad.: Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 10ª ed., 2007.

_____. Crises da República. 2ª ed., São Paulo: Ed. Perspectiva, 2004.

BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas Vol. I - Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. Passagens. Org. Willi Bolle, Trads. Irene Aron, Cleonice Paes Barreto. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

_____. Ensaio reunidos: escritos sobre Goethe. Trads. Monica Krausz Bornebusch, Irene Aron e Sidney Camargo; São Paulo: Livraria Duas Cidades, 2009.

BLOCH, Ernest. O Princípio Esperança – Vol. 1. Trad. Nélio Schneider. Rio de Janeiro: Ed. UERJ; Contraponto, 2005.

BLOCH, Ernest. The Spirit of Utopia. Stanford, Califórnia, USA: Stanford University Press, 2000.

BOLZ, Norbert W. “Filosofia da História de Walter Benjamin”. Trad. George Bernard Sperper. Dossiê Walter Benjamin, n. 15, pp. 25-37, set.-nov., 1992.

BOURETZ, Pierre. Testemunhas do Futuro: Filosofia e Messianismo. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CANTINHO, Maria João. “Walter Benjamin e a história Messiânica. Contra a visão histórica do progresso”. Revista Philosophica, n. 37, Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras de Lisboa, Lisboa, Ed. Clibri, 2011.

CASTORIADIS, Cornelius. O mundo fragmentado (As encruzilhadas do labirinto; v.3). Trad. de Rosa Maria Boaventura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

CATROGA, Fernando. Os passos do homem como restolho do tempo: memória e fim do fim da história. Coimbra, Almedina, 2009.

COSTA, Cléria Botelho. “Imaginário: Objeto da História”. In: Revista Estudos, Vol.27, nº 4, PUC-Goiás, 2000.

EAGLETON, Terry. “Walter Benjamin – rumo a uma crítica revolucionária”. Fortaleza: Omni, 2010.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie Gagnebin. Lembrar escrever esquecer. São Paulo : Editora 34, 2006.

_____. “Do Conceito de Mímesis no pensamento de Adorno e Benjamin”. In: Perspectivas – Revista de Ciências Sociais, Vol. 13. São Paulo : Universidade Estadual Paulista, UNESP, 1993.

_____. História e narração em Walter Benjamin. São Paulo: Perspectiva, 2004. Pg. 15

HERÓDOTO. Tradução Mário da Gama Cury, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2ª ed., 1988.

KONDER, Leandro. “É preciso Teologia para pensar o fim da História?”. Dossiê Walter Benjamin, Revista da USP n. 15, pp. 37, set.-nov., 1992.

LIMA, João Gabriel. BAPTISTA, Luís Antônio. Itinerário do Conceito de “Experiência na Obra de Walter Benjamin”. Revista Princípios, Natal (RN), v. 20, n. 33, jan-jun de 2013.

LOWY, Michael. Walter Benjamin: aviso de incêndio – uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. Trad.: Wanda Nogueira Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2005.

RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa – Tomo 1. Campinas: Papyrus, 1994.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A atualidade de Walter Benjamin e de Theodor W. Adorno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SOBRE O AUTOR: Jornalista profissional, doutor em História, professor de Jornalismo da Universidade Católica de Brasília. Atuou como repórter do *Jornal do Brasil*, *O Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo*; como editor e colunista nas revistas *Veja*, *Manchete* e *Dinheiro*; como colunista e diretor da revista *IstoÉ* e, ainda, como editor-chefe da revista *Desafios do Desenvolvimento*, do Ipea. Foi agraciado nos prêmios Esso e Abril de Jornalismo, e no Prêmio Vladimir Herzog de Direitos Humanos, dentre outros. Como professor de Jornalismo, lecionou no Instituto de Ensino Superior de Brasília, na Fundação Casper Líbero, São Paulo, e na Universidade Católica de Brasília. Como acadêmico, optou pelos estudos da História Cultural, com ênfase em Direitos Humanos. E-mail: studart@studart.blog.br.